


# INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA CIRCULAÇÃO DAS *MÉMOIRES* DE GARIBALDI (1860)

 10.5935/2177-6644.20220031

INTRODUCTION TO THE STUDY OF THE  
CIRCULATION OF *MÉMOIRES GARIBALDI* (1860)

INTRODUCCIÓN AL ESTUDIO DE LA  
CIRCULACIÓN DE LAS *MÉMOIRES* DE  
GARIBALDI (1860)

Isabella Nogueira \*

 <https://orcid.org/0000-0003-4088-1220>

**Resumo:** Este artigo apresenta uma possibilidade de estudo que fortalece o debate sobre a relação entre História e Literatura. Nasce da nossa pesquisa de doutorado que se dedica ao estudo da Circulação Transatlântica das *Mémoires de Garibaldi*, publicadas em 1860, por Alexandre Dumas, em Paris. Neste sentido, busca-se refletir sobre a metodologia trazida por estudiosos do tema, liderados, no Brasil, por Márcia Abreu.


**Palavras-Chave:** História. Literatura. Memórias. Garibaldi. Dumas.

**Abstract:** This article presents a possibility of study that strengthens the debate on the relationship between History and Literature. It stems from our doctoral research dedicated to the study of the transatlantic circulation of the *Mémoires de Garibaldi*, published in 1860 by Alexandre Dumas in Paris. In this sense, we seek to reflect on the methodology brought by scholars on the subject, led in Brazil by Márcia Abreu.

**Key-words:** History. Literature. Memoirs. Garibaldi. Dumas

**Resumen:** Este artículo presenta una posibilidad de estudio que fortalece el debate sobre la relación entre Historia y Literatura. Surge de nuestra investigación doctoral dedicada al estudio de la circulación transatlántica de las *Mémoires de Garibaldi*, publicadas en 1860 por Alexandre Dumas en París. En ese sentido, buscamos reflexionar sobre la metodología aportada por los estudiosos del tema, liderados en Brasil por Márcia Abreu.

**Palabras-clave:** Historia. Literatura. Memorias. Garibaldi. Dumas.

\* Doutoranda em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com bolsa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).   
<http://lattes.cnpq.br/3412909210231285> - E-mail: [granataisabellan@gmail.com](mailto:granataisabellan@gmail.com).

## Introdução

Durante o século XIX, as *Mémoires de Garibaldi: traduits sur le manuscrit original par Alexandre Dumas* (1860), publicadas por Alexandre Dumas, na cidade de Paris, no formato de folhetim e de livro, foram utilizadas, como fonte histórica, por vários países, sendo que em 2011, o italiano Scirocco as utilizou, e, em 2013, o francês Milza. Isso gerou, inicialmente, um questionamento intrigante sobre as possibilidades de apropriação da obra, principalmente, para os historiadores. Sob esse aspecto, torna-se necessário olhar para a dimensão histórica das Memórias e questionar o que elas podem contribuir, por meio do estudo da sua historicidade, para o fortalecimento da historiografia.

O processo de análise deste tema se inicia com o debate sobre a *Nova História Política*, cujo foco se refere às produções biográficas e às autobiográficas políticas. Nesse sentido, há um processo de observação do tema, dividido em duas instâncias: a primeira, se insere no estudo das produções biográficas e na discussão sobre a ilusão (auto)biográfica presente neste gênero de escrita; a segunda, no estudo objetivo das Memórias publicadas por Dumas. Assim, é importante pontuar a existência de obras autobiográficas de Garibaldi, sem a presença de Dumas e de outras memórias/autobiográficas/biográficas de renomados autores, nos moldes da publicação do literato. Esta última é o foco neste momento.

Assim sendo, a seleção foi feita por perceber a presença maciça da obra, em outros países, alimentando o que se definiu de indústria cultural. Além disso, em alguns países como, por exemplo, no Brasil, apenas as publicadas por Dumas tiveram esta circulação acentuada, podendo dizer que, antes do advento da digitalização, as terras brasileiras conheciam, majoritariamente, o Garibaldi, apresentando por Dumas.

A obra *Mémoires de Garibaldi* enquadrou-se na categoria de entretenimento, no período de sua publicação, embora fosse uma autobiografia e biografia, o que lhe conferia, como já citado, a discussão sobre a história dos grandes homens, defendida e incentivada por meio de um uso literário e político, tendo como objetivo, auxiliar na formulação das histórias da nação ou na construção das nações, como lembra a história *magistral vitae*.

Com o crescimento das ideias positivistas, havia um movimento que queria fazer de cada conhecimento uma disciplina independente, ao passo que, ao mesmo tempo, uma rede de autores românticos caminhava pelo uso maciço da história junto à literatura, formulando, assim, obras híbridas. Autores que se definiam liberais ou progressistas utilizavam, constantemente, as concepções criadas pelos românticos, o que com o tempo, outros também divulgavam este tipo de

narrativa.

José Leão de Alencar Junior ajuda na compreensão deste cenário, quando diz que:

Na segunda metade do século XIX, a História passa a se autoconsiderar como ‘ciência autêntica’, movida que estava pelas ideias positivistas e pelas pretensões de conquistar sua autonomia frente à literatura. Sua transformação em ciência transformou a literatura em um pesadelo, que punha sob ameaça o corte epistemológico proposto. A separação deveria ser ao máximo demarcada, para que as solicitações do saber não fossem sufocadas pela demanda das produções estéticas. Poetas como Schiller e Lamartine permitiam-se escrever história, num período em que Barante e Thierry eram influenciados pela novela de Walter Scott e de Chateaubriand. Como observa Linda Orr. Balzac considerou sua ‘história dos costumes sociais’ bastante superior às ‘secas e entediadas nomenclaturas de fatos chamadas de Histórias’. Os leitores de Alexandre Dumas poderiam ser considerados historiadores em potencial, a quem só faltaria entregar-se ao prazer mais puro e à cor verdadeira (ALENCAR, 1996, p. 58).

O questionamento que surge é as Memórias podem ser utilizadas como fonte histórica para a compreensão de um evento ou período histórico, para a escrita da história e para o desenvolvimento da historiografia.

Ademais, olhar para estas diversas leituras, leva-se a uma compreensão da diversidade, já que a base dos estudos da circulação está no conhecimento do todo e do único. Mackenzie (2018) chamou de a “sociologia dos textos”, isto é, cada suporte, cada forma de divulgação ou crítica de uma primeira versão/edição caracteriza, em si, uma leitura diferente, um ponto de vista diferente e, portanto, uma obra diferente. Então, por meio dela, consegue-se compreender, para além do local de sua produção, o local de sua apropriação. Logo, vale apresentar, então, o caminho de reflexão produzido por esse processo de circulação da obra.

### **A contribuição dos estudos da circulação de impressos para o debate entre Literatura e História, por meio das *Mémoires de Garibaldi***

A obra *Mémoires de Garibaldi: traduits sur le manuscrit original par Alexandre Dumas* foi um trabalho singular empreendido por Alexandre Dumas e Giuseppe Garibaldi, no ano de 1860, entre a França e a Itália, tendo sido publicada em Paris. Sua singularidade reside na impossibilidade de um exato posicionamento da obra em um gênero de escrita. De imediato, pode-se pensar que é um livro de memórias, uma autobiografia ou uma biografia, no entanto, não se encontra, em sua textualidade e em seu mecanismo de produção, apenas um gênero.

Observa-se, contudo, que a proposta de escrita, validada pela voz de Garibaldi, era, principalmente, memorialística autobiográfica. O livro, de fato, foi escrito, basicamente, em primeira pessoa, porém, após ler diferentes edições das memórias, com a falta do nome de Dumas como naquela editada por Theodore Dwight, publicada no ano de 1859, ou ainda a publicada aos

cuidados do filho de Garibaldi, Menotti, em 1888, verifica-se a resoluta presença do homem de letras no texto.

Assim, quando se lê o livro, percebe-se a imagem romântica de Garibaldi, construída por Dumas, onde os personagens são valorizados por sua grande coragem, os diálogos permitem assimilar o drama dos acontecimentos e os detalhes dos cenários descritos, transmitindo, aos leitores, a sensação de participação na narrativa. Além disso, foi possível constatar que a edição das memórias, publicada por Dumas, foi a mais reeditada e traduzida.

Ademais, na cidade de Tanger, em 1849, Giuseppe Garibaldi, exilado, interessou-se por escrever e publicar suas memórias. O primeiro volume de sua autobiografia relata a história da sua infância até o ano de seu retorno à Itália, ocorrido em 1848, e foi publicado, a pedido de Garibaldi, pela primeira vez, em 1859, em inglês, por Theodor Dwight, nos Estados Unidos (BUDILLON, 2001, p. 24).

Posteriormente, Garibaldi começou a escrever o segundo volume, entre os anos 1859 e 1860, fase esta, de suspensão das atividades bélicas. Uma nova redação ocorreu entre o final de 1871 e o início de 1872, a qual incluiu a campanha da França de 1870. No ano de 1872, foi publicada em italiano, a autobiografia considerada completa e oficial, que se encontra arquivada em Bologna. Apesar disso, em 1875, Garibaldi inseriu ainda algumas anotações que saíam em edições posteriores, uma das mais completas que é a de 1888, da editora Barbera. Hoje, o manuscrito original encontra-se no Arquivo Nacional de Roma (BUDILLON, 2001).

Sabe-se, assim, (Sabemos) que desde o ano de 1838 os textos de Dumas atravessavam o oceano por meio da narrativa folhetinesca. “O *Capitão Paulo* foi o primeiro romance-folhetim traduzido do francês a sair em jornais brasileiros, como no *Jornal do Comércio*, no mesmo ano de 1838”. No *Correio Mercantil*, as Memórias de Garibaldi começaram a ser publicadas no dia primeiro de agosto de 1860 (MEYER, 1996, p. 60). Em seguida, foi através dos jornais que o literato publicou, pela primeira vez, as *Mémoires de Garibaldi*, exatamente no *Le Siècle*. Budillon, e, como outros autores, falou que as Memórias de Garibaldi foram publicadas em folhetim, no entanto, a discussão sobre isso se estendeu a outros mecanismos de divulgação.

Nesse contexto, quando Dumas pensou em publicar a história de Garibaldi, no *Le Siècle*, o fez como *faits divers* em série. Afirma-se isso, sem muito delongar-se, apenas observando a colocação das memórias nas folhas do jornal, na seção *Varietes* e não na de *Feuilleton*. Nesse sentido, Dumas, simplificando a análise, estaria fazendo um relato romanceado do cotidiano e não, propriamente, um romance histórico como era de costume. Com isso, não se diz que os *faits divers*

não seguiam uma linha de raciocínio parecida com a do romance-folhetim. No entanto, a proposta era fazer dos *faits divers* um substituto da narrativa folhetinesca, quando essa, em 1848, encontrava-se em crise. Todavia, a proposta agradou ao público e permaneceu, nos jornais, junto aos folhetins.

No mesmo ano do folhetim, as *Memórias de Garibaldi* apareceram em dois volumes e foram publicadas pela editora Lévy, em Paris, na coleção *Euvres Completes de Dumas*. Nessa edição, acrescentou-se ao texto do *Le Siécle*, um prefácio escrito por Dumas e um segundo volume. Logo após essa edição, a editora Lévy publicou uma terceira, em 1866; outra, em 1882, com a morte de Garibaldi; outra, em 1887, por ocasião do seu 80º aniversário de nascimento e outras duas, sem datas definidas. Campanella acredita que a Lévy não tinha outras publicações até 1970.

No período da segunda redação de Garibaldi e nos anos seguintes apareceram outras edições do texto, publicadas por Dumas: a do editor Borgeaud (1860), em Lausanne; a edição de Naumburg G. Paetz, (1860-61), em Paris, que incluiu nela, o período de 1850 a 1860 e foi proibida na França. Outra edição, a de *Méline Cans & Cia*, apareceu em Bruxelas, também proibida na França de Napoleão III, o qual exerceu uma censura antirrepublicana. O texto é o mesmo da edição de Lévy, porém, além dos dois volumes na edição de Méline Cans, encontra-se uma dupla introdução que, segundo Budillon, é “muito política”, refere-se ao prefácio de George Sand, com um texto escrito no início de julho de 1859 e ao discurso proferido por Victor Hugo, quando foi exilado para as Ilhas Anglo-Normandas.

Nesse mesmo período, apareceram outras edições em vários idiomas como em inglês, norueguês, holandês, alemão, espanhol, russo e português. Portanto, são os detalhes desse caminho que estão sendo desenvolvidos no doutorado, dando ênfase à circulação transatlântica. Desse modo, examinar a circulação de um livro constitui-se uma oportunidade ímpar para analisar as produções que caracterizam a cultura, a economia e a política de um país, de uma cidade ou de uma comunidade. A pesquisa sobre o tema da circulação de livros também significa uma maneira útil de entender as trocas culturais que existiam durante o século XIX (ABREU, 2007).

Garibaldi, nos anos da *Revolução Farroupilha* (1835-1845), participou, ativamente, dos eventos políticos e militares do momento, influenciando, posteriormente, a cultura do Brasil, principalmente no Sul. De modo contrário, Alexandre Dumas, importante escritor francês, adentrou na história do Brasil e da Itália através da literatura reconhecida e discutida na época. Essa relação se revelou fundamental a partir do momento em que se tem, por objetivo, o estudo da globalização ou da mundialização da cultura, como sugerido por Jean-Yves Mollier, ao dizer que "a globalização dos modelos culturais não esperou o fim do século XX para se implementar". Além disso, o autor

argumenta que “a velocidade de difusão de produtos industriais culturais, então, em gestação, não eram quase nada inferiores àqueles que observamos hoje” (MOLLIER, 2015, p. 296).

Desse modo, a circulação, da qual se fala, pode ser encontrada no livro *Cardenio Cervante Entre et Shakespeare: Histoire d'une pièce perdue* (2011), de Roger Chartier, onde esse conceito está marcado pela relação da sociedade com as teorias fornecidas, tanto por um livro quanto por um indivíduo, pois essa produção absorve e gera significados que leva a uma ampla compreensão sobre as atividades humanas. Os estudos da leitura utilizam-se das noções da prática e da representação que são, igualmente, importantes. Ou seja, para a produção de um livro “são movimentadas determinadas práticas culturais e também representações, sem contar que o próprio livro, depois de produzido, difundirá novas representações e contribuirá para a produção de novas práticas”. Nesse sentido, “uma prática cultural não é constituída apenas no momento da produção de um texto ou de algum outro objeto cultural, mas, também, no momento da recepção” (BARROS, 2003, p. 146). O sujeito, os eventos e os meios desse caminho são importantes para a pesquisa histórica. Esses sujeitos serão pensados como:

Produtores e receptores de cultura – o que abarca tanto a função social dos ‘intelectuais’ de todos os tipos (no sentido amplo), até o público receptor, o leitor comum, ou as massas capturadas modernamente pela chamada ‘indústria cultura’ (esta que, aliás, também pode ser relacionada como uma agência produtora e difusora da cultura). Agências de produção e difusão cultural também se encontram no âmbito institucional: os sistemas educativos, a imprensa, os meios de comunicação, as organizações socioculturais e religiosas (BARROS, 2003, p. 148).

Sob esse aspecto, as práticas observadas até o momento, presentes durante o período de escrita e de publicação das memórias, são: o interesse pelo ‘eu’, segundo Gay, quase uma neurose; o interesse pela História e por uma indústria literária onde a colaboração entre indivíduos era útil para a textualidade e para a materialidade na produção e circulação de um livro em um mundo em que se queria definir fronteiras, através dos processos de nacionalização, mas, também, se queria definir a relação da humanidade entre o que era um bem comum e civilização (GAY, 1999, p. 177).

Mediante o livro, percebe-se ainda, o conceito que foi construído de Garibaldi. Nessa perspectiva, não se pretende encontrar coerência nos escritos, mas refletir sobre os acontecimentos em um contexto mais amplo, afastando-se da ilusão biográfica, de acordo com o argumentado por Bourdieu (ABREU, 2014).

Márcia Abreu (2014), em seu amplo projeto intitulado *Circulação transatlântica dos impressos: A globalização da cultura no século XIX (1789 - 1914)* fornece os meios para refletir os estudos no Brasil. Mendes, participante do projeto de Abreu, argumenta:

Dizer que o público contemporâneo de Alexandre Dumas aclamou suas obras em vários países já se tornou um truísmo. Basta acompanhar as edições que circularam à época, nos anúncios de livreiros nos jornais, nos catálogos de bibliotecas e gabinetes de leitura, no repertório das companhias teatrais, nas memórias de leitores e críticos, para percebermos que Dumas teve suas obras lidas e representadas tanto em francês quanto em traduções pelas quatro partes do mundo. Entretanto, tanto o percurso quanto o suporte em que essas obras circulavam ainda não nos são claros (MENDES, 2013, p. 136).

Desse modo, fica claro o desejo de contribuir para os estudos sobre a circulação dos impressos no século XIX, não só através de Dumas, como também através do conúbio com Garibaldi. Este último, um personagem conhecido da história do Sul do Brasil, onde, ao contrário da Itália, lutou pela desunião, considerando a composição nacional dos dias atuais.

O foco, porém, está na relação entre o Brasil, a Itália e a França durante o século XIX, de modo a conceber trocas culturais por meio da circulação de impressões. Abreu argumenta:

Isso faz repensar também a ideia de *contexto*, em geral, entendido como uma combinação de considerações sobre economia e política nacionais. Esta concepção de contexto deixa de fora elementos essenciais para a compreensão da literatura. Em primeiro lugar, porque a movimentação literária e cultural não se restringe a um determinado território nacional, havendo sempre intensas trocas transnacionais – tanto quando se pensa nas leituras do grande público quanto quando se consideram as referências estéticas dos letrados e dos profissionais da cultura. Em segundo lugar, porque elementos muito mais cotidianos e miúdos do que as altas articulações políticas ou a grande movimentação econômica afetam de maneira muito mais decisiva a composição e a leitura dos textos (ABREU, 2014, p. 40).

Ademais, existe uma troca contínua entre o livro e o mundo que o circunda, e, por isso mesmo, é necessário analisar os detalhes de todo esse processo, de forma a compreender mais sobre História, Literatura, Comunicação, circulação, leitura entre tantas outras áreas. Esse interesse também se reforça, porque apesar de Garibaldi ter sido e é muito conhecido, para Lilti, "primeiros ícones revolucionários do mundo" (LILTI, 2014, p. 256), não há nenhuma investigação detalhada sobre os caminhos das memórias publicadas por Dumas, naturalizando-se a apropriação dualística de verdade e de ficção, boa ou ruim, percebida até o momento.

Assim, tendo como base, os estudos desenvolvidos no projeto supracitado, de Márcia Abreu, dele foi apreendida uma série de informações necessárias para poder desenvolver a justificativa dessa (de) pesquisa. Primeiro, é necessário dizer que a globalização da cultura não é algo recente. Esse processo “remonta ao início do século XVI, quando os europeus – e, em especial, as monarquias ibéricas – começaram a conectar as ‘quatro partes do mundo’” (GRUZINSKY, 2004, p. 63). A partir desse momento, os livros iniciaram sua viagem através dos oceanos, criando assim, “uma especial forma de conexão entre as pessoas” (ABREU, 2014, p. 1).

A partir do final do século XVIII e ao longo do século XIX, a circulação dos impressos se intensificou, assim como as relações de trocas, devido às modificações tecnológicas – como, por

exemplo, a introdução da prensa a vapor, a eletricidade ou mesmo as melhorias nos sistemas de transportes – e da expansão do sistema educacional. Essas mudanças ampliaram o número de leitores (CRUBELLIER, 1985, p. 45), que por sua vez, alimentou o mercado editorial (MOLLIER, 2001, p. 56). Durante o século XIX a demanda era, principalmente, para livros didáticos, práticos e de entretenimento.

A obra *Mémoires de Garibaldi* enquadra-se na categoria de entretenimento e assim, como tudo que se produz, criou consensos e reprovações como se pode observar na citação abaixo:

Em consolação, não me atrevera a aconselhar à Senhora Coste a leitura do *Siècle*. – As memórias de Garibaldi (por Alexandre Dumas) não são o que prometem. – Elas são ou muito reais ou muito prováveis. Sem gastos aparentes de invenção. Nenhum traço da imaginação que criou os Mosqueteiros. Realmente parece que ouvimos Garibaldi falando; reconhecemos em suas memórias o estilo de sua proclamação. Alexandre Dumas está com ar de ter realmente se contentado com o papel de tradutor. Ele não se mostra. Ele permanece no fundo, nos bastidores, – com uma modéstia que prova que ele é capaz de todas as proezas. [...] Eu não sei, portanto, – do ponto de vista do sucesso, – até que ponto as *Mémoires de Garibaldi* têm razão em não serem as *Mémoires d’Alexandre Dumas*. Vejamos, Senhora Coste, qual autor prefere: Alexandre Dumas ou Garibaldi? Se for franca, a senhora admitirá que Garibaldi interessa-lhe um pouco – de tempos em tempos, – em fatos diversos, – mas que Alexandre Dumas é bem mais divertido. – Não será nunca Garibaldi quem poderá dissipar vossa melancolia (ROSSEAU, 1860, p. 2).

Esse tipo de colocação, cruzada com tantas outras, faz com que se entenda as práticas e as ideias existentes à época e então, saber traçar informações que partem do dia a dia até os grandes e longos projetos de trocas de informações. À vista disso, a circulação de uma obra abre caminho para analisar as produções que caracterizam a cultura, a economia e a política de um país, acrescentando que “a história do livro não pode se fechar sobre uma única nação, sob pena de desconsiderar parte essencial do processo de produção, difusão e de apropriação dos impressos”. Cooper-Richet nos diz que alguns países da Europa como, por exemplo, a França e Portugal estavam conectados com o Brasil sob o ponto de vista cultural e econômico, confirmando, assim, que “havia uma difusão de produções brasileiras na Europa, desde o início do século XIX” (COOPER-RICHET, 2009, p. 539).

Meyer, todavia, acrescenta que a Itália também tinha essa ligação com o Brasil e argumenta: “Há outro país ainda, que se poderia associar ao Brasil em matéria de literatura popular, conservando ao termo aquela ambiguidade em matéria de público e de repertório. Esse país é a Itália” (MEYER, 1996, p. 325).

Citando Gramsci, Meyer afirma que em geral “o povo italiano se apaixonou pelas tradições francesas, por um passado que não é o seu”, ou seja, “a literatura popular italiana” se confunde com ‘a assim chamada literatura mercantil’, que é uma seção da literatura popular-nacional de origem francesa”. Esse gosto do “povo italiano”, ao aproximar-se do Brasil, com a imigração, fez surgir um



duplo público nas revistas e jornais brasileiros, principais veículos de trocas. Assim, se fazia edições brasileiras de folhetins e livros franceses em italiano. Meyer, ainda argumenta que, apesar disso, “a relação Itália-Brasil-literatura popular é mais antiga ainda. E, no caso, sem a direta mediação francesa, embora relacionada com ela”, ocorreu por volta do século XVIII, por meio da música, que ao se aproximar do romance-melodrama, criou a ópera muito apreciada em terras brasileiras. Ela chegou ao Brasil, através de Metastásio, nas Minas Gerais (MEYER, 1996, p. 325-326). Portanto, é impossível, segundo a autora, pensar a circulação de impressos, no Brasil, sem falar, também, das produções italianas (MEYER, 1996, p. 327-328).

Contudo, constata-se que a obra *Mémoires de Garibaldi* publicada em Paris, traduzida para o italiano e para o português, inicialmente em forma de folhetim, não foge ao cenário de trocas do século XIX. Esta circulação é pensada como um movimento “entre Europa e Brasil e não num fluxo de ideias e de mercadorias da Europa para o Brasil”, ou seja, é necessário pensar mais na conexão e na apropriação, do que na dependência e na dominação, assim como proposto por Eliana Dutra (2006) e Roger Chartier (2001). A obra publicada por Alexandre Dumas e Giuseppe Garibaldi, além de participar de todo esse processo, pode ter sido de significativa importância para a história política e cultural do Brasil e da Itália. O objetivo é, portanto, investigar até que ponto e como tudo isso ocorreu.

As *Memórias de Garibaldi* chegaram ao Brasil como folhetim, publicadas, principalmente, no sul do país, quando se questionou se elas influenciaram ou não, na sua difusão como na recepção, lembrando-se de que Giuseppe Garibaldi participou, ativamente, da História do Brasil, entre os anos de 1836 a 1841. Brum diz que as narrativas sobre o personagem, em terras brasileiras, são na maioria positivas e falam de Garibaldi como de um homem acima dos outros, cujo conceito permanece até hoje, principalmente através da obra publicada por Dumas (BRUM, 2011, p. 299). Durante o mestrado, percebeu-se que Dumas, célebre romancista, colocou na obra de 1860 suas expectativas e sua imaginação, isto é, suas técnicas atrativas de escrita, podendo ter distorcido informações quanto à atuação de Giuseppe Garibaldi. Nesse sentido, os próprios fatos da História do Brasil que circulavam àquela época podem ter sido distorcidos ou ocultados. Um questionamento que surgiu relaciona-se à produção e à comercialização dos impressos sobre o personagem Garibaldi em terras brasileiras: por que não existem pesquisas e textos do século XIX aos dias de hoje que problematizem sua participação na História do Brasil? Na época, o público interessava-se apenas pela edição de Dumas? Não foi encontrado no Brasil, por exemplo, nenhuma edição das *Memórias de Garibaldi*, sem a participação do literato.

Outrossim, observou-se, por meio dos estudos desenvolvidos até hoje, que na Itália, Garibaldi influenciou de forma decisiva a política e, no Brasil, essa narrativa de Dumas chegou, principalmente e não só, como dito até agora, por influência dos acontecimentos da época, a exemplo da imigração e da proximidade do personagem com o Brasil. Além disso, o *Risorgimento* tinha ganhado uma visibilidade midiática significativa. Mediante isso, questionou-se sobre até que ponto essa obra influenciou a opinião pública.

Diante disso, propôs-se um trabalho de descontinuidades, de questionamentos do já dito, visto que o foco é repensar a História escrita pelos grandes, analisando se tudo é tão heroico como a maioria das fontes apontam. Porém não se quer, aqui, interrogar sobre a veracidade da obra, mas problematizá-la em seu contexto e caminhos sem, no entanto, desqualificá-la e taxá-la de fonte secundária. Acredita-se que cada obra carrega a sua historicidade e que ela sempre traz algo do passado. Sendo assim, não fica claro se o fato de a obra ser literatura, não a faz uma fonte histórica. No entanto, a literatura, faz parte do trabalho do historiador, a partir do momento em que ele também lida com a narrativa, com as emoções, com os sentimentos e com as imperfeições. Assim, a proposta é apresentar as várias relações existentes e possíveis, através de um cuidadoso trabalho de análise e de cruzamento das fontes.

A primeira hipótese é de que as memórias de Garibaldi, publicadas por Dumas, foram as que mais despertaram curiosidade no público. Esta hipótese foi baseada na quantidade de edições e de traduções encontradas. Budillon, através dos estudos de Campanella (1971), concluiu que existiam, até 1970, na Itália, quarenta e duas edições das Memórias de Garibaldi, além de todas as traduções surgidas em todo o mundo, da Rússia aos Estados Unidos. Sabe-se sobre a produção dessas memórias que existem muitos comentários sobre elas, principalmente, na França e na Itália, o que ajuda a desenvolver uma argumentação convincente para tal hipótese. Torna-se necessário, incrementar a pesquisa, em terras brasileiras, e questionar se havia, por exemplo, uma rede de diálogo entre o Brasil e os outros países, e, caso exista, questionar os lugares de fala.

Outra hipótese é a de que o livro *Mémoires de Garibaldi* teve uma influência significativa, como produtora de significado e de apropriação de representações e práticas, já existentes, nas notícias da unificação italiana e na opinião pública, bem como no sentimento de pertencimento das comunidades italianas formadas no Brasil. Apóia-se no que Dutra sugeriu em seus estudos sobre “o papel dos impressos na construção da vida política em geral e das comunidades políticas em particular”, onde ela argumenta:

Os impressos tomaram, ao longo dos séculos, formas variadas que incluem livros,

almanaques, jornais, revistas, panfletos, boletins, cartazes, mapas, gravuras, calendários, cédulas bancárias, entre outros. Nas suas diferentes formas, e na realidade crescente de sua circulação, eles tiveram papel ativo nos processos de transformações culturais, sociais e políticas que levaram à modernidade ocidental, a exemplo da secularização, da urbanização, da democratização. Sua ligação com o mundo da política pode ser mapeada na sua efetiva participação na constituição e ampliação de uma esfera pública; na sua condição de veículo de formação da opinião pública e divulgação das opiniões políticas, bem como de canal de mobilização política que se presta à convocação, ao engajamento e a confrontação de ideias; na sedimentação das solidariedades de grupo; na ligação decisiva com os processos históricos de edificação nacional e de construção das identidades culturais; na sua capacidade de difusão e transformação das culturas políticas (DUTRA, 2006, p. 09).

O exercício das memórias fez com que a imagem de Garibaldi segue um caminho para além de acontecimentos coletivos. Hecker (2011), por exemplo, conta sobre a coragem do herói Garibaldi, presente entre os imigrantes italianos radicados em São Paulo, sentimento esse que deu origem à criação do jornal *Avanti!* em 1900, propagador das suas ideias revolucionárias (HECHER, 2011, p. 117-133). Questiona-se, portanto, se as publicações das *Mémoires de Garibaldi*, sejam elas em folhetins, em *faits divers* ou em livros nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul etc. podem ter ajudado a criar um senso de pertencimento. Além do mais, sabe-se que a partir da pesquisa de Mendes (2007) Dumas foi muito apreciado no Brasil e que entre os analfabetos, a fala fácil e envolvente do homem de letras, foi entendida e muito compartilhada.

Portanto, é fundamental saber como o livro se insere nessas situações. Foi observado que Dumas, em as *Mémoires de Garibaldi*, construiu seu herói romântico, a partir do movimento romântico, aquele a quem, ainda hoje, se faz referência quando se fala, tradicionalmente, sobre o herói dos dois mundos, fazendo parte daquele sentimento romântico em que o Romantismo é considerado como uma revolução geral de valores (BENICHOU, 2013). É importante notar, que o herói de Dumas era um homem consciente de toda a sua força, corajoso e carismático, principalmente, humano. Com isso, considera-se que essa obra influenciou bastante nas notícias e nas opiniões, devido a essa construção do herói romântico.

Por isso, não vai ser compartilhada a ideia de que o livro teria criado apenas sentimentos positivos, porque ele também provocou reprovação e dúvidas contra Garibaldi e seus projetos. Além disso, Dumas ficou conhecido por sua vida cheia de prazeres mundanos e frívolos, o que fez florescer incertezas relacionadas a suas opiniões e aos seus projetos (MAOUROIS, 1959).

Segundo Jean Rousseau (1860, p.2), no jornal *Les Coulisses*, ele afirma que "as memórias de Garibaldi (de Alexandre Dumas) não são o que prometem" e diz que o literato se deu pouco trabalho à escrita das memórias, pois na verdade foram escritas por Garibaldi. No entanto, os estudos Marlyse Meyer, em seu livro *Feuilleton: Uma história*, faz compreender que Dumas

trabalhava com um tipo de escrita, própria em *faits divers*, narrativa cuja regra era a realidade romantizada e não a nua e crua.

Entretanto, Garibaldi, em uma carta do dia 29 de janeiro de 1872, enviada a sua amiga Speranza Von Schwartz, disse que estava copiando suas memórias e adornando-as de novas reflexões e fatos, pois as que circulavam, até então, eram muito românticas (GARIBALDI, 1982, p. 57). Seria esse um meio para influenciar opiniões em 1860 e através da construção romântica de um personagem chegar aos sentimentos do leitor? Esse comentário de Garibaldi faz pensar que havia um projeto do qual ele estava consciente, projeto esse tão consistente que o levava a oferecer seu manuscrito das memórias a qualquer um que o solicitasse para a publicação. No entanto o objetivo, aqui, é encontrar comentários suficientes que ajudem a entender o impacto desse possível projeto.

Não obstante, sabe-se, que “O século XIX foi um período de ampliação sem precedentes na produção de livros, de revistas e de intensa circulação de impressos entre a Europa e o Brasil”. Fazendo jus às palavras de Abreu, é importante, aqui, pensar esse cenário (ABREU, 2014, p. 8). O objetivo de estudar a difusão e a recepção das *Mémoires de Garibaldi* entre a França, a Itália e o Brasil e a hipótese de sua influência nos acontecimentos desses países, serão analisados sob o ponto de vista de que não houve entre eles, suma relação de dominação (do Velho Mundo sobre o Novo Mundo), mas de interdependência, conforme as palavras de Mollier (2015), ou de reciprocidade de influências, segundo as palavras de Florestan Fernandes (1978). Paixão & Almeida (2015, p. 4) que fizeram um breve texto da conferência de Mollier, proferida na Universidade de Campinas (UNICAMP), em 2015, sobre a globalização da cultura impressa no século XIX, argumentam:

Trata-se de aquilatar a compreensão sobre a questão da globalização da cultura impressa evocando a discussão sobre as transferências culturais. Apesar de o termo ter recebido consagração na França no início da década de 1980, o debate das transferências culturais estava em andamento no Brasil, sob outras bases, na pena de Florestan Fernandes, já na década de 1940, amparado pelo termo ‘reciprocidade de influências’. Passados trinta anos, ele retomou a discussão refletindo sobre a transplantação do padrão de civilização ocidental para os povos do Novo Mundo: ‘tem-se discutido a transplantação como se ela fosse um processo automático. Um dar e um tomar, no qual apenas estariam em jogo imitação, cópia e reprodução’. Ele adverte, contudo: ‘Essa focalização do processo é falaciosa, pelo menos no que tange aos povos do Novo Mundo. O aspecto essencial, no caso, não é a transferência de conteúdos e práticas culturais, em si mesmas, mas o modo pelo qual a própria transferência se desenrola historicamente e socialmente’. Seja a reciprocidade de influências, sejam as transferências culturais, ambas apontam uma direção contrária às perspectivas centradas em formas homogêneas de contatos, pois os processos nacionais são diferentes e as trocas entre os espaços se dão sempre de maneira heterogênea (PAIXÃO, 2015, p. 4).

Nesse sentido, não se pode afirmar que foram meras imitações, as traduções feitas ou as reedições que chegaram até o Brasil. Pensando em sua materialidade, dirige-se aos trabalhos empreendidos pelas editoras, estrangeiras e não, que aqui no Brasil, tinham um papel ativo tanto no

mercado livreiro como naquele de revistas, periódicos ou jornais. A editora mais frequentada era a francesa *Garnier e Irmão*, porém Abreu afirma que em se tratando da relação Brasil – Portugal, não para por aqui e, acrescenta:

Livreiros alemães (como os irmãos Laemmert), suíços (como Leuzinger) e, principalmente, franceses (como Bossange, Plancher, Villeneuve, Aillaud e Garnier) marcaram a história editorial brasileira tanto pelas inovações técnicas que eles trouxeram (nos ramos da tipografia, da edição, da distribuição e comércio de livros) quanto pela expressividade da produção e venda de títulos em suas casas. [...] Os livreiros editores instalados no Brasil não apenas importavam e vendiam livros produzidos no Velho Continente, mas também promoviam a publicação de livros e revistas brasileiros, dados à luz tanto no Brasil quanto em tipografias e gráficas instaladas na França e em Portugal. Além disso, eles visaram, desde o início do século XIX, o público leitor português, invertendo a direção do fluxo secular dos livros, a ponto de a concorrência feita pelas obras lusas impressas no Brasil – muitas vezes em contrafação – tornar-se motivo de inquietação em Portugal (ABREU, 2014, p. 9).

Sendo assim, obter números de como ocorreu essa circulação é também um dos objetivos, pois eles ajudam a entender a intensidade das trocas culturais, através de um texto, na época em que “a expansão do capitalismo oitocentista era um motor para o desenvolvimento do mercado editorial transnacional, partindo da França para outras regiões do globo. Essa situação pôs, em contato, diferentes culturas literárias”. Acrescenta-se, aqui, as palavras de Florestan Fernandes, com as quais afirma que “o capitalismo não é apenas uma realidade econômica, mas uma complexa realidade sociocultural” (MOLLIER, 2015).

Portanto, quando se escreve mercado transnacional nesse esquema não se quer resumir à apresentação de números, para além de sua textualidade, considerando sua difusão e recepção, mas pensar, também, as representações e as práticas produzidas pela obra ou aquelas em que a obra se inseriu, traçando, assim, a sua historicidade. Representação aqui é pensada, conforme o conceito de Roger Chartier, quando diz que “ela não seria nem uma coisa ausente do objeto ou do sujeito, nem a exibição de uma presença. Ela não é imaginação; é a variabilidade e a pluralidade de compreensões (ou incompreensões) do mundo social e natural propostas nas imagens e nos textos antigos”. Por outro lado, prática “são os processos com os quais se constroem um sentido [...] que pluralmente, contraditoriamente, dão significado ao mundo” e se apropriam e produzem formas de ver o mundo. (CHARTIER, 1987, p. 27)

Pensar nessas categorias, estimula a muitos questionamentos, assim formulados: em quais lugares e momentos as memórias de Garibaldi foram difundidas? Qual foi a forma de apresentação dessas traduções? As traduções adaptaram Dumas e Garibaldi aos leitores de cada país? Essa obra interferiu nas produções literárias desses países? Se sim, como? Interferiu, também, na política, na cultura e na educação? Ajudou a incrementar o mercado livreiro da época? De que forma elas foram

apropriadas? Quais as diferentes formas usadas para reproduzi-las?

Como exemplo dessas indagações, foi avaliado o trabalho realizado por Roger Chartier (2011), em seu livro *Cardenio entre Cervantes e Shakespeare: História de uma peça*. Assim, com o objetivo de entender a autoria de uma peça perdida, Chartier desenvolveu um trabalho em que, utilizando-se de suas categorias de prática e de representação, traçou os caminhos da circulação desta peça. O autor constatou que cada lugar a adaptava de acordo com as suas convenções e a atribuía a um autor célebre, sendo que ao mesmo tempo, o próprio texto apresentava ao público, novas formas de fazer, de sentir e de pensar. Desse modo, ele apresenta um pouco de tudo que envolve a obra estudada.

Além do mais, essa análise ajuda a perceber a importância de não desconsiderar as mutações provocadas pela revolução industrial, das comunicações e do lazer no século XIX. Isso revela as convenções no interior das quais as *Mémoires de Garibaldi* podem ter sido ou não compartilhadas, apropriadas e reproduzidas, fazendo-se chegar ao emaranhado mundo das ideias que um livro cria a sua volta, das ações que o envolvem e das relações existentes, ou seja, da circulação da cultura.

Dessarte, a discussão sobre os autores, mostra, principalmente, suas ligações com a França e a Itália, restando agora, colocá-los em terras brasileiras e entender as relações de Dumas e Garibaldi para com a mesma. À vista disso, através de Mollier, certifica-se que os jornais franceses eram os mais distribuídos no Brasil, o que faz pensar que existia um público para isso. Remontou-se, assim, a ambiguidade da palavra popular apontada por Meyer, já que segundo Mattieu Letourneux, Dumas foi uma figura central da história cultural popular. Ademais, refere-se a Dumas porque todos os livros eram atribuídos a ele. As outras edições das Memórias de Garibaldi, sem o nome Dumas, até o momento não foram encontradas, no Brasil.

Posto isso, Garibaldi ficou conhecido pelas palavras de Dumas e pela literatura, restando, agora, questionar de que leitor está falando. Dessa maneira, começou-se a investigação, pelas palavras de Mollier, quando ele disse que na América Latina existiam dois tipos de público: aqueles que liam em francês, ou seja, as elites, que apesar disso, liam um autor popular, e, outros que liam as traduções que, segundo Mollier, faziam parte de “um público menos afortunado, menos educado, mas desejoso de conhecer a Velha Europa” – moda Paris. Ele ainda fala de uma terceira leitura, identificada em Cuba, entre os operários das indústrias de tabaco, os quais pagavam uma pessoa que sabia ler e assim ouviam as histórias de Dumas, durante o período de lazer.

Muito ainda há de se constatar como, por exemplo, se havia mais mulheres ou homens, se existiu algum caso particular no modo de apropriação ou de publicação, se houve censura (através

de documentos digitalizados, disponíveis na biblioteca nacional, onde se vê que algumas peças de Dumas foram censuradas pela sua “indecência”), se tinha uma rede de comunicação entre os imigrantes italianos e a Itália; levando a questionar até que ponto os imigrantes possam ter interferido na difusão ou não da obra (MOLLIER, 2015, p. 7). E, assim, são múltiplas as relações, ligações que podem ser feitas para verificar a circulação de uma obra, sendo que o historiador não tem o privilégio de descartar nenhuma delas. São os escritores das possibilidades, e assim sendo, eles têm que se (nos) manter abertos aos novos caminhos que surgem.

Em suma, pensando neste objeto, apropria-se das palavras de Dutra, como verdadeiras orientações quando ela diz que:

[temos o interesse de analisar] os impressos nas suas relações com a memória; na maneira como se constituem historicamente os fenômenos no mundo dos impressos. Considerando a especificidade e a pluralidade dos mesmos; os alvos por eles visados, bem como os seus desvios; as estratégias editoriais; os dispositivos técnicos estéticos que conformam sua materialidade, os autores; o público; a circulação; a leitura; a posição face à censura; a organização em coleções e bibliotecas; enfim sobre a historicidade inerente aos impressos enquanto documentos (DUTRA, 2006, p. 10).

## Considerações Finais

Foram as traduções e publicações do folhetim francês em jornais brasileiros, principalmente nos paulistas e cariocas, que fizeram com que se desenvolvesse a circulação dos livros em terras brasileiras. Assim, as histórias contadas, nestes espaços jornalísticos, que dessem fruto, gerando interesse a certo número de público, geralmente, eram transformadas em livros. Esse caminho se mostrava necessário, devido ao alto preço do livro (GRANJA, 2012, p. 184).

Segundo Mendes, dos dois lados do Atlântico, o folhetim foi fundamental para a difusão das obras de Dumas, consolidando seu sucesso e aumentando as publicações. Faz-se necessário lembrar, aqui, que o folhetim das *Memórias de Garibaldi* chegou ao Brasil com a autoria de Dumas. Dessa maneira, pensar na trajetória das obras do literato é o primeiro passo fundamental (necessário). E foi feito, inicialmente, através do folhetim, ou seja, dos jornais.

Durante o século XIX, os jornais eram um dos principais meios de publicação de memórias e de romances, como Marcilio afirma, para os historiadores de hoje "o jornal se torna um lugar de memória". A edição antiga resulta-se em um registro precioso e cristalizado. E embora tenha ou não sido publicada, é de fundamental importância para a pesquisa histórica (MARCILIO, 2013, p. 43). Portanto, o jornal foi o principal meio de circulação de ideias no século XIX, tanto pela edição

rápida, como pela publicidade e preços acessíveis.<sup>1</sup>

Durante o mestrado, foram pesquisadas as obras existentes na Itália e na França, sem contudo ter tido contato com estudos sobre as mesmas, apenas citando-as, o que (e) não permitiu que se fizesse uma análise detalhada, mas, estimulou a ampliar esses estudos, inserindo o caminho transnacional. Certificou-se, que no Brasil, as *Memórias de Garibaldi* chegaram, como folhetim, através da edição Lévy e em livro da edição Meline Cans (a qual possui os discursos políticos de Victor Hugo e de George Sand, edição inúmeras vezes censurada na França e na Itália por ser considerada republicana).

Em sequência, o foco está na análise das diferenças textuais e materiais desses meios e das traduções. Tomou-se por base, o conceito de “tradução” defendido por Mollier: “trata-se, quer ela seja completa ou fragmentada, respeitadora ou não das intenções do autor, e de sua expansão no universo, graças à difusão da imprensa e dos livros destinados ao grande público” (MOLLIER, 2015, p. 9), ou de Chartier (1987) quando argumenta que as traduções são adaptações de um texto a práticas e a representações do lugar de fala. Mollier ainda argumenta que a leitura da imprensa, na América do Sul, “foi muito rapidamente substituída por aquelas de livros e de modo muito engenhoso”, sendo que as editoras estrangeiras enviavam para o Novo Mundo os livros pouco lidos na cidade natal, o que levou ao incremento do mercado livreiro nas novas terras, denominado de comércio dos livros de *second hand*. Isso leva a questionar se as *Mémoires de Garibaldi*, em livro, poderiam ter ingressado na América do Sul através desse tipo de comércio (MOLLIER, 2015, p. 8).

Sabe-se, (Sabemos) também, que no Rio existe, atualmente, uma edição das *Memórias de Garibaldi* em francês, da editora Meline Cans, o que reforça o argumento de Mollier quando diz:

Do clic instantâneo do mouse do computador ao barco a vapor que demorava três semanas para alcançar Valparaíso, a distância pode parecer enorme ao leitor superficial. Ela não é, evidentemente, para quem quer admitir que Alexandre Dumas, era lido na imprensa na América do Sul, em francês e em espanhol, quase no mesmo momento que na Europa, o que torna derrisória toda vaidade retrospectiva do possuidor do *computer* ou do *reader* (MOLLIER, 2015, p. 6).

Como forma de entender a recepção das memórias, a proposta é procurar comentários sobre a obra, partindo das cartas que eram enviadas por leitores, como sugerido no trabalho de Judith Lyon-Caen, em seu livro *La Lecture et la vie: les usages du roman au temps de Balzac* (2006), onde fala da relação dos leitores franceses com os escritores Balzac e Sue. Pesquisar os epistolários dos dois autores: o de Garibaldi que se encontra no Instituto do *Risorgimento* Italiano em Roma e o de

<sup>1</sup> Os jornais brasileiros estão disponíveis e concentrados na plataforma digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, onde também são encontradas fontes epistolares. Em Roma, na Itália, existe o Instituto de História do *Risorgimento* italiano.



Dumas, na Biblioteca Nacional Francesa, disponível digitalmente, é substancial. As cartas são interessantes por apresentarem um discurso muitas vezes próximo e referente ao acontecimento. Geralmente eram escritas sem a preocupação de sua publicação, o que abre caminho para outras formas de se comunicar e de se expressar. Damasceno & Massimi ajudam a refletir sobre o uso de fontes epistolares, quando dizem que:

O trabalho com correspondências pessoais revela seu caráter delicado no que tange à intimidade do autor com a qual o historiador vai se deparar, revelando-se uma possível armadilha no caso de um plausível entusiasmo por parte desses, uma vez que documentos pessoais abstraem o seu autor do campo das manifestações públicas. [...] Para Prochasson, a correspondência está inserida na categoria de arquivos privados, assim como diários, cadernetas, agendas, etc. e afirma: ‘Essa documentação deve constituir uma base arquivista útil para a construção da história da construção de uma obra ou de uma personalidade. De fato, a controvérsia existente com relação ao gênero correspondência epistolar integrar as fontes para a produção da pesquisa histórica, não elimina, com as devidas ressalvas e o uso de um método de pesquisa apropriado e rigoroso, o valor histórico heurístico desse gênero de fontes. Além do mais, as cartas revelam o universo interior de seus autores. Para Stein, as cartas são documentos nas quais é possível conhecer ‘o modo de ser próprio de um homem: esse modo de ser se nos mostra através das múltiplas formas de expressão nas quais o ‘interior’ se ‘exterioriza’’. Os diálogos epistolares trazem em seus conteúdos, de modo geral, registros de fatos, emoções, sentimentos, vivências e experiências escritas de próprio punho pelo sujeito que as vivencia; esses escritos registram, de acordo com o regime de temporalidade, pessoas, acontecimentos e sentimentos relativos ao período em que foram produzidos. Nesse sentido, independente das intenções do autor (es) quanto ao fato de serem essas missivas posteriormente divulgadas ou não, cartas epistolares projetam-se como documentos de destacado valor histórico, na medida em que podemos entender que uma correspondência epistolar traduz fragmentos de sua época (DAMASCENO; MASSIMI, 2013, p. 80-81).

Além do mais, vão ser investigadas as autobiografias que proliferaram durante o século XIX, buscando algum comentário sobre a obra, uma vez que muitos companheiros de combate, de Garibaldi, escreviam seus diários. Também não será deixado de considerar os panfletos, os cartazes, as revistas, os almanaques, os boletins e tudo o que pode ajudar a traçar a difusão e a recepção da obra escolhida.

Sendo assim, este percurso, de busca das várias narrativas, pode ajudar a um distanciamento daquele positivismo presente, na época de Dumas, que taxava suas obras apenas como diversão ou utilizava suas palavras como única verdade, e encaminhar para o que Albuquerque define de “terceira margem”:

O que significa pensar a História e escrevê-la como terceira margem? Significa, primeiro pensar que a História não se passa apenas no lugar da natureza, da coisa em si, do evento, da matéria ou da realidade, nem se passa apenas do lado da representação, da cultura, da subjetividade, do sujeito, da ideia ou da narrativa, mas se passa entre elas. A história se passa onde o que impera é o devir, o fluxo, que desmancha as formas estabelecidas de objetos e sujeitos, que mistura aspectos separados, classificados e ordenados após as práticas de análise levadas a cabo pela ciência’. ‘A história é viagem que conecta e mistura tempos e espaços, que interpenetra coisas e representações, realidade e discurso, razões e sentimentos, matéria e sonho, desejo e obrigação, liberdade e determinação

(ALBUQUERQUE, 2007, p. 28-30).

Nesse contexto, esta colocação de Albuquerque justifica que obras como a de Dumas e de Garibaldi não deixam de ser fontes históricas e muito ajudam a compreender os tempos, pois a Literatura traz o passado que pode ser apreendido por meio do cruzamento de fontes.

Portanto, o estudo da circulação evidencia o potencial de uma obra que pode também ser considerada literária, de entretenimento. O estudo da sua circulação/apropriação, ou seja, da produção de outras narrativas, permite que se viaje entre tempos e espaços que vão além da veracidade ou não da escrita de Garibaldi e de Dumas, no século XIX, entre a França e a Itália.

## Referências

ABREU, Márcia. Circulação de livros entre Europa e América. **Polifonia**, v.14, 2007. p. 161-174.

ABREU, Márcia. **Circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX (1789 – 1914)**. 2014.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da História. 2007. Bauru: Edusc.

ALENCAR, José Leão. História com ficção: a confecção narrativa da história e da literatura. **Rev. de Letras**, v. 18, n. 91, 1996, p. 58.

BARROS, José D'Assunção. História Cultural: um panorama teórico e historiográfico. **Textos históricos**. Brasília: UNB, v.11, n. 1/2, 2003. p. 146.

BÉNICHOU, Paul. **Le Sacre de L'Écrivain: 1750-1830**. Paris: Gallimard, 2013.

BUDILLON, Pascale Puma. Giuseppe Garibaldi, quelles vies, quelles Mèmoires? In: GUILLAUME, Marche; VINCENT, Broqua (Org.). **L'épuisement du biographique?** Newcastle Upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2010.

BRUM, Rosemary Fritsch. Dumas e Garibaldi: a dupla autoriza(ção). In: CONSTANTINO, Núncio Santoro; FAY, Claudia Musa(Org.). **Garibaldi, História e Literatura: perspectivas internacionais**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de M. (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

CAMPANELLA, Anthony P. **Giuseppe Garibaldi e la tradizione garibaldina: uma bibliografia dal 1807 al 1970**. Ginevra: Grand Saconnex, 1971.

CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guiglielmo. **Histoire de la lecture dans le monde occidental**. Paris: Éditions du Seuil, 2001.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difusão Editora, 1987.

CHARTIER, Roger. **Cardenio entre Cervantes et Shakespeare**. Histoire d'une pièce perdue. Paris: Éditions Gallimard, 2011.

COOPER-RICHET, Diana. "Paris, carrefour des langues et des cultures : édition, presse et librairie étrangères à Paris au XIX<sup>o</sup> siècle", In: **Histoire et civilisation du livre, revue internationale**, n<sup>o</sup> V, 2009.

CRUBELLIER, Maurice. "L'élargissement du public". In: CHARTIER, Roger, MARTIN, Henri-Jean (dir.). **Histoire de l'édition française – Le temps des éditeurs – du Romantisme à la Belle Époque**. 2<sup>a</sup> Ed. Tome 3 - Paris: Promodis, 1985.

DAMASCENO, E. N.; MASSIMI, Marina. Diálogos epistolares como fontes para a História das Ciências: a correspondência de Miguel Rolando Covian. In: **Diálogos Possíveis**. v. 12, n. 2, 2013. p. 80-81.

FERNANDES, Florestan. **O folclore em questão**. São Paulo: Editora Hucitec, 1978.

GARIBALDI, Giuseppe. **Lettere a Speranza Von Schwartz**. Firenze: Passigli Editore, 1982.

GAY, Peter. **O coração desvelado**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GRANJA, L. Un comte traverse la mer : un roman d'Alexandre Dumas en bas de pages et aux annonces du Jornal do Commercio. In. (Org.) MOLLIER, Jean –Yves ; COOPER-RICHET, Diana. **Le commerce transatlantique de librairie, un des fondements de la mondialisation culturelle** (France, Portugal, Brésil, XVIII-XX siècle). Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos de Linguagem. Campinas: UNICAMP/ Publicações IEL, 2012.

GRUZINSKY, Serge. **Les quatre parties du monde** – histoire d'une mondialisation. Paris: Éditions de La Martinière, 2004.

HECHER, Frederico Alexandre. O mito Garibaldi entre os imigrantes italianos Socialistas em São Paulo. In: CONSTANTINO, Núncio Santoro; FAY, Claudia Musa(Org.). **Garibaldi, História e Literatura: perspectivas internacionais**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. p. 117-133.

LILTI, Antoine. **Figures publiques: L'invention de la célébrité (1750-1850)**. Tradução de CAMPOS, Raquel. Paris: Fayard, 2014, p.256.

LYON-CAEN, Judith. Vérité romanesque et réalité sociale. In: LYON-CAEN, Judith. **La lecture et la vie: les usages du roman au temps de Balzac**. Paris: Tallandier, 2006.

MARCILIO, Daniel. O Historiador e o Jornalista: A História imediata entre o ofício historiográfico e a atividade jornalística. **Aedos**, n. 12, v. 5, 2013.

MAOUROIS, André. **Os três Dumas**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1959.

MCKENZIE, Donald Francis. **Bibliografia e Sociologia dos Textos**. Trad. Fernanda Veríssimo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MENDES, M. L. D.. Trajetórias e tempos das traduções de Alexandre Dumas em Portugal e no Brasil. **Letras**. Santa Maria, v. 23, n. 47, 2013.

MILZA, Pierre. **Garibaldi**. Milano: Longanesi, 2013

MILZA, Pierre. **No limiar da história e da memória**: um estudo da Mês Mémoires de Alexandre Dumas. USP: Departamento de letras. 2007.

MOLLIER, Jean-Yves. Tradução e globalização da ficção: o exemplo de Alexandre Dumas na América do Sul. In: **Revista da Anpoll**, n. 38, p. 296-306, 2015.

MOLLIER, Jean-Yves. **La Lecture et ses publics à l'époque contemporaine**: essais d'histoire culturelle. Paris: PUF, 2001.p.56

MOLLIER, Jean-Yves; DUTRA, Eliana de Freitas. **Política, Nação e Edição**: O lugar dos impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX. São Paulo: Annablume Editora, 2006.

PAIXÃO, Alexandro Henrique; ALMEIDA, Leandro Thomaz. A globalização da cultura impressa no século XIX: apresentação da conferência de Jean-Yves Mollier. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 38. 2015.

ROUSSEAU, Jean. Échos de Paris. **Les Coulisses**. n.436, 14 de junho de 1860.

SCIROCCO, Alfonso. **Garibaldi**: battaglie, amori, ideali di um cittadino del mondo. Bari: Economica Editori Laterza e Figli, 2011.

*Recebido em: 28 de junho de 2022.*

*Aprovado em: 21 de agosto de 2022.*